

Amélia Rey Colaço

Entrevistada por Maria Augusta Silva

Com 85 anos, já bisavó, o tempo não perdoa «e chega a hora de sabermos enfrentar as rugas, também com dignidade, porque as rugas são, afinal, um atestado da vida».

A senhora magna do teatro português confidencia, nesta entrevista, que, apesar da idade, só tem no plano profissional uma rival chamada... televisão...

É lá no cimo. Sobe-se uma pequena rampa do Dafundo, a meio da tarde, e aciona-se a campainha do n.º1 da Rua Joseph Blak. Um respeitável cão de guarda toma posição no alto da escadaria de pedra e mostra-nos, tranquilamente, um assanhado 'sorriso' de dentes longos e afiados. Uma amável senhora procura sossegar-nos o coração e oferece-nos o braço para que o vigilante «Lobo» se aperceba de que é gente que vem por bem. Respirámos fundo tão logo nos apanhámos num harmonioso salão, de porta fechada.

Dona Amélia Rey Colaço não tardaria a chegar. Conhecemos-lhe os passos e a tosse. E surge-nos, distinta, de vestido acinzentado, uma *écharpe* em tom azul e um colar branco a realçar a sua discreta

elegância. Encaminhamo-nos para o recanto do piano; passa ali, hoje, a maior parte das suas horas.

Piano já não toca, devido ao arrelizador reumático que lhe incha as mãos; a mesma razão que a impede, também, de se distrair com o seu jeito de bordar. Mas ocupa, interessadamente, o tempo caseiro que sempre prezou. Está de momento a vistoriar todas as suas recordações, sobretudo cartas, que são tantas e de tantos anos, a dar sinal da vida que ficou para trás e que gostaria de reunir num livro de «memórias». Não seria escrito por ela, mas sim por alguém que cristalina e apreendesse as etapas e as circunstâncias de toda uma vivência que conheceu otimismo e lágrimas, sucessos enormes e dificuldades imensas.

Memórias que poderiam remontar até onde vai a memória de Dona Amélia. Lembra-se de, aos seis anos, ter representado, com mais três meninas, a peça *Le Rollet*, para um público familiar, em casa da cunhada de Eça de Queirós (Benedita Resende Osório). Era um pequeno texto em francês que cativara a sua sensibilidade. Entre a assistência estava a duquesa de Palmela, «escultora de grande valor, que se voltou para o meu pai, elogiando-me; como fiquei vaidosa!». Gostava, entretanto, de brincar com bonecas, «tratando-as como se fossem criaturinhas humanas, e gostava de dar ordens...».

A sua vasta cultura, a sua formação de cidadã, diz, com orgulho «devo-as totalmente aos meus pais, educadores extraordinários, de um amor profundo, com um objetivo único que era a felicidade das suas filhas».

Numa linguagem deste tempo moderno, «diria que a minha mãe era uma mulher fora de série; foi ela a minha grande universidade».

Um alfobre de artistas

Já adolescente, «os meus pais decidiram que fosse algum tempo para Berlim, aprender música, e julgava-me capaz de aprender a tocar violino com uma autêntica veia de artista; pura ilusão!».

Não falhou, contudo, alguma da verdade do velho provérbio... «filha de peixe sabe nadar». Porque, se é um facto que Amélia Rey Colaço virou costas ao violino (e tocava piano somente por amorismo), o génio do pai como pianista era nela o talento de atriz dramática, que ao teatro de comédia deu igualmente muito de si.

Considera que a casa da avó materna, em Berlim, funcionava «como um espantoso alfobre de artistas, talvez por Berlim ser uma terra apaixonante em termos culturais». Confessa mesmo que a sua vocação para o teatro, «embora já houvesse despontado em criança, fui bastante influenciada pelo que vi e aprendi naquela cidade; e aí fiz a minha opção».

Se, porventura, os ponteiros do relógio pudessem recuar ao ponto de colocar de novo o calendário em 1917, «não hesitaria em seguir a mesma estrada».

A rival da bisavó

Saudosista e sentimental, como ela "própria se define, encostada ao piano de Alexandre Rey Colaço (um piano com cerca de 200 anos), a inconfundível senhora do teatro português, que em 1920 casou com Manuel Robles Monteiro, tem dessa paixão «o sabor de 37 anos felizes, de luta comum e apostada, de compreensão e carinho, num lar em que nasceu Mariana Rey Monteiro, a Marianinha, como familiarmente lhe chamamos».

E aumentaram a família três netos e nove bisnetos. Aos domingos, a casa de silêncio, que uma amiga pôs à sua disposição por uma renda simbólica e para onde D. Amélia transferiu, em tempos dolorosos, os seus bens domésticos, enche-se de brincadeiras, de jogos infantis, de histórias que todas as bisavós sabem contar. «Só tenho uma rival: a televisão. De qualquer forma, ser bisavó é um maravilhoso prémio que a vida nos dá».

Não fora a espondilose, e... «como eu andaria com esse amoroso ranchinho a brincar pelo chão, a jogar às escondidas!...».

Faz uma pausa no olhar e revive a história de uma clássica e requintada escrivãzinha: «Serviu de altar ao meu casamento, na casa onde vivia com os meus pais. Casei religiosamente, mas achou o meu pai que, para evitar bisbilhotices, a cerimónia realizar-se-ia em nossa casa, onde se deslocou o prior da Estrela.»

Conta algumas viagens que fez com o marido, ambos de braço dado ao teatro. «Em 1939 revelámos Gil Vicente aos brasileiros; tenho mil recordações agradáveis daquele público e não me importava de lá voltar...».

A última viagem que fez ao Rio de Janeiro levou 22 dias, por mar agitado. É que... Dona Amélia nunca entrou num avião. «Tenho medo de andar naquelas asas, que me parecem quase sobrenaturais lá entre as nuvens...». De barco, o perigo também existe, «mas há a sensação de termos a terra mais ao nosso alcance».

Dá um salto do Brasil para França e faz uma breve visita à cidade de Avignon. «Como tudo aquilo era belo; junto ao Palácio dos Papas, ao ar livre, havia teatro a sério a servir de escola a quem tivesse vontade de aprender. Aconselhei muitos atores da nova geração a irem ver; e muitos foram, porque valia a pena.»

Tão gulosa...

Amélia Rey Colaço, de temperamento otimista e esperançado, capaz, ainda, de uma gargalhada sadia, tem «saudades do tempo em que podia movimentar-me como uma andorinha, no palco e em casa, sempre ansiosa por mais trabalho, por mais coisas a fazer». Mas o tempo não perdoa, «e chega a hora de sabermos enfrentar as rugas, também com dignidade, porque as rugas são, afinal, um atestado da vida».

Quando era nova, «não havia muros que eu não conseguisse transpor e nunca parti nenhuma perna; agora é que já tenho torcido um pé e magoado os joelhos».

Tem a voz firme de 85 anos sustentados com coragem; tem a lucidez de quem soube — e sabe — situar a vida no local exato: «Seria terrível para mim cair algum dia no ridículo.»

Entregue ao mundo que enche a sua residência, organiza, discretamente, as suas horas, a maior parte ocupadas com leitura. «Aprendi a fazer de tudo, todavia escapam-me agora as forças e a saúde para me abalançar a grandes tarefas. Gostei sempre muito de estar em casa, de fazer bolos (como eu era gulosa, meu Deus!) e de costurar os meus próprios vestidos. E se não posso alterar o tempo que me foi proibindo algumas dessas aptidões, não me venceu, porém, neste desejo de me sentir viva até ao fim.»

Ao falar da habilidade para a costura, Dona Amélia lembra os seus 17 anos, quando vestia com uma certa originalidade, «mas entendia que não tinha o direito de sobrecarregar os meus pais».

Então, metia mãos à obra «e recordo-me perfeitamente de um vestido que fiz, aos quadradinhos pretos e brancos, com três coletes de veludo, bordados a condizer e em diferentes tons; os três coletes permitiam-me fazer, com o mesmo vestido, indumentárias sempre de aspeto novo».

Numa segunda fase, «no auge da minha carreira, recorri a grandes costureiros, por exigência do guarda-roupa de que necessitava para as minhas interpretações; e, por último, a idade aconselhou, naturalmente, o traje simples e o mais possível discreto». O traje que identifica o bom gosto e o bom senso que perduram na dama do nosso teatro.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

TAMBÉM NESTE SÍTIO
REGISTO EVOCATIVO
DE AMÉLIA REY COLAÇO

LER em

http://www.casaldasletras.com/maria_Registos.html